

## Editorial

## O CRIME DA GUERRA

Na última quinta-feira, um hospital situado na parte controlada pelos rebeldes de Aleppo, segunda cidade mais importante da Síria, foi bombardeado, provavelmente por aviões do governo de Bashar Al-Assad.

Morreram mais de 30 civis, inclusive três crianças e três médicos – um deles o último pediatra que atendia na região. O hospital tinha o apoio da ONG Médicos Sem Fronteiras e não atendia militares, apenas civis.

Vinte e quatro horas depois do ataque, uma clínica situada na parte rebelde da cidade também foi bombardeada, com ferimentos em vários pacientes. Os dois fatos dão uma ideia da absoluta insanidade da guerra civil na Síria.

Parece que há o propósito de eliminar os locais onde a população que não se exilou pode se socorrer dos ataques, além de atemorizar os agentes de saúde. A ONU considerou os atos crimes de guerra.

Desde o começo do conflito, 640 médicos, enfermeiros e outros trabalhadores da área foram mortos, enquanto 58% dos hospitais e 49% dos centros de saúde primária fecharam ou passaram a funcionar parcialmente.

O governo, apoiado pelos russos, nega essa disposição, mas nem ele, nem os rebeldes observam a trégua acertada com a ONU. As duas partes alegam que lutam contra o Estado Islâmico e um braço da Al Qaeda.

No domingo, o papa Francisco pediu a norte-americanos e russos que contenham o governo sírio e os rebeldes e façam estes respeitarem o cessar-fogo. Para a população, no entanto, tudo não passa de mentira.

Numa semana, mais de 200 civis foram mortos em Aleppo, cidade dividida entre tropas do governo e rebeldes desde 2012. Em seis anos, a guerra civil já matou mais de 270 mil pessoas, e 4 milhões se exilaram.

Enquanto isso, prosseguem, na Suíça, as negociações para acabar com a guerra civil. Considerando-se que os encontros ocorrem desde 2014, a conclusão é que os envolvidos, por enquanto, não querem a paz.

## SEMPRE EDITORA LTDA

**FUNDADOR** Vittorio Medioli  
**PRESIDENTE** Laura Medioli  
**VICE-PRESIDENTE** Marina Medioli  
**DIRETOR EXECUTIVO** Heron Guimarães

**GERENTE COMERCIAL**  
Alessandra Soares

**GERENTE DE TECNOLOGIA**  
Fábio A. Santos

**GERENTE INDUSTRIAL**  
Guilherme Reis

**GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO**  
Walmir Prado

**GERENTE DE MARKETING**  
Monique Araki

**GERENTE DE CIRCULAÇÃO**  
Isabel Santos

**EDITORA EXECUTIVA**  
Lúcia Castro

**SECRETÁRIA DE REDAÇÃO**  
Michele Borges da Costa

**ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO**  
Murilo Rocha

**CHEFE DE REPORTAGEM**  
Renata Nunes

**EDITORES**

Opinião: Victor de Almeida  
Economia: Karlon Aredes  
Magazine: Silvana Mascagna  
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla  
Política: Ricardo Corrêa  
Esportes: Denner Taylor  
Cidades: Marina Schettini  
Primeira: Frederico Duboc  
Fotografia: Rejane Araújo

## O.PINIÃO

JUSTIÇA BLOQUEIA WHATSAPP

Duke

SEM PROBLEMAS, SE NÃO  
DER PRA VAZAR MAIS UM  
ÁUDIO, EU ESCREVO  
OUTRA CARTINHA!



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

## ‘Isto aqui’, o Brasil, é uma República democrática e laica!

Ela tem sido muito desrespeitada em nosso país

**S**ou apaixonada pelos ideais republicanos. Sei quase de cor o “Manifesto Republicano” – publicado em 1870 no jornal “A República”, cujo principal redator foi Quintino Bocaiuva (1836-1912). Escrevo com regularidade sobre a República porque tenho a opinião de que ela tem sido muito desrespeitada em nosso país.

Em “Perdi a paciência: quero a República terrena de volta!”, comecei assim: “Afinal, o que é República (do latim, ‘res pública’: ‘coisa pública’)? E a pauta de quem aspira governá-la? Parece óbvio que o debate eleitoral numa República (regime de governo) tem como eixo a defesa dos valores e dos princípios republicanos” (O TEMPO, 12.10.2010).

Sob a democracia (regime político), todo o “fazer político” e a própria política deveriam se pautar pelo espírito republicano. Não podemos esquecer que “isto aqui”, o Brasil, é uma República democrática e laica!

A República aqui ainda está em construção desde que foi proclamada (15.11.1889) e tem sido, com frequência, solenemente esquecida e subtraída, seja por gregos, seja por troianos, como já demonstrei em “Quero o aconchego de uma República laica e nada mais” (31.5.2011) e em “Uma República democrática e laica sob o sistema ‘jagunço’” (17.2.2015).

Tendo os ideais republicanos em mente, quem é republicano sabe que só é republicano quem defende a República! Não defende a República quem está estribado no fundamentalismo neopentecostal ou de outras vertentes, no fascismo e nos corpos das mulheres, como disse em “Sobreviver ao jaguncismo exige arte e muita manha” (O TEMPO, 21.7.2015).

Cabe breve explicitação do que é “Ser republicano”, do historiador José Murilo de Carvalho, tão especial que tem ar de licença poética: “Nenhum homem nesta terra é repúblico, nem vela ou trata do bem comum, senão cada um do bem particular (Simão de Vasconcelos, 1663).

“Ser republicano é crer na igualdade civil de todos, sem distinção de qualquer natureza.

“É rejeitar hierarquias e privilégios.

“É não perguntar: ‘Você sabe com quem está falando?’ É responder: ‘Quem você pensa que é?’ É crer na lei como ga-

“Ser republicano é crer na igualdade civil de todos. Ser republicano, já dizia, há 346 anos, o jesuíta Simão de Vasconcelos, É NÃO SER BRASILEIRO”.

rantia da liberdade.

“É saber que o Estado não é uma extensão da família, um clube de amigos, um grupo de companheiros.

“É repudiar práticas patrimonialistas, clientelistas, familistas, paternalistas, nepotistas, corporativistas.

“É acreditar que o Estado não tem dinheiro, que ele apenas administra o dinheiro pago pelo contribuinte.

“É saber que quem rouba dinheiro público é ladrão do dinheiro de todos.

“É considerar que a administração eficiente e transparente do dinheiro público é dever do Estado e direito seu.

“É não praticar nem solicitar jeitinhos, empenhos, pistolões, favores, proteções.

“Ser republicano, já dizia, há 346 anos, o jesuíta Simão de Vasconcelos, É NÃO SER BRASILEIRO” (“O Globo”, 6.7.2009).

Discordo do jesuíta. Tanto que estou de acordo com quem acha que, se há dúvida sobre os rumos da República, que a peleja seja resolvida em plebiscito. E de plebiscito eu gosto muito, como declarei em “O mistério do plebiscito é ser uma lei romana, percebem?” (O TEMPO, 2.7.2013).

Todavia, “de plebiscito quem entende é meu conterrâneo Arthur Azevedo (1855-1908), jornalista, teatrólogo, escritor e grande figura da literatura de humor brasileira. Vide ‘Plebiscito’, em ‘Contos Fora da Moda’ (1894), um dos textos mais adoráveis de meus tempos de ginásiana...” (O TEMPO, 2.7.2013).

Hoje, quase ninguém mais lava a boca para arrotar que é republicano – vocábulo a que tentam dar um ar polissêmico, mas que tem significado único: quem defende a República. E ponto final.

